

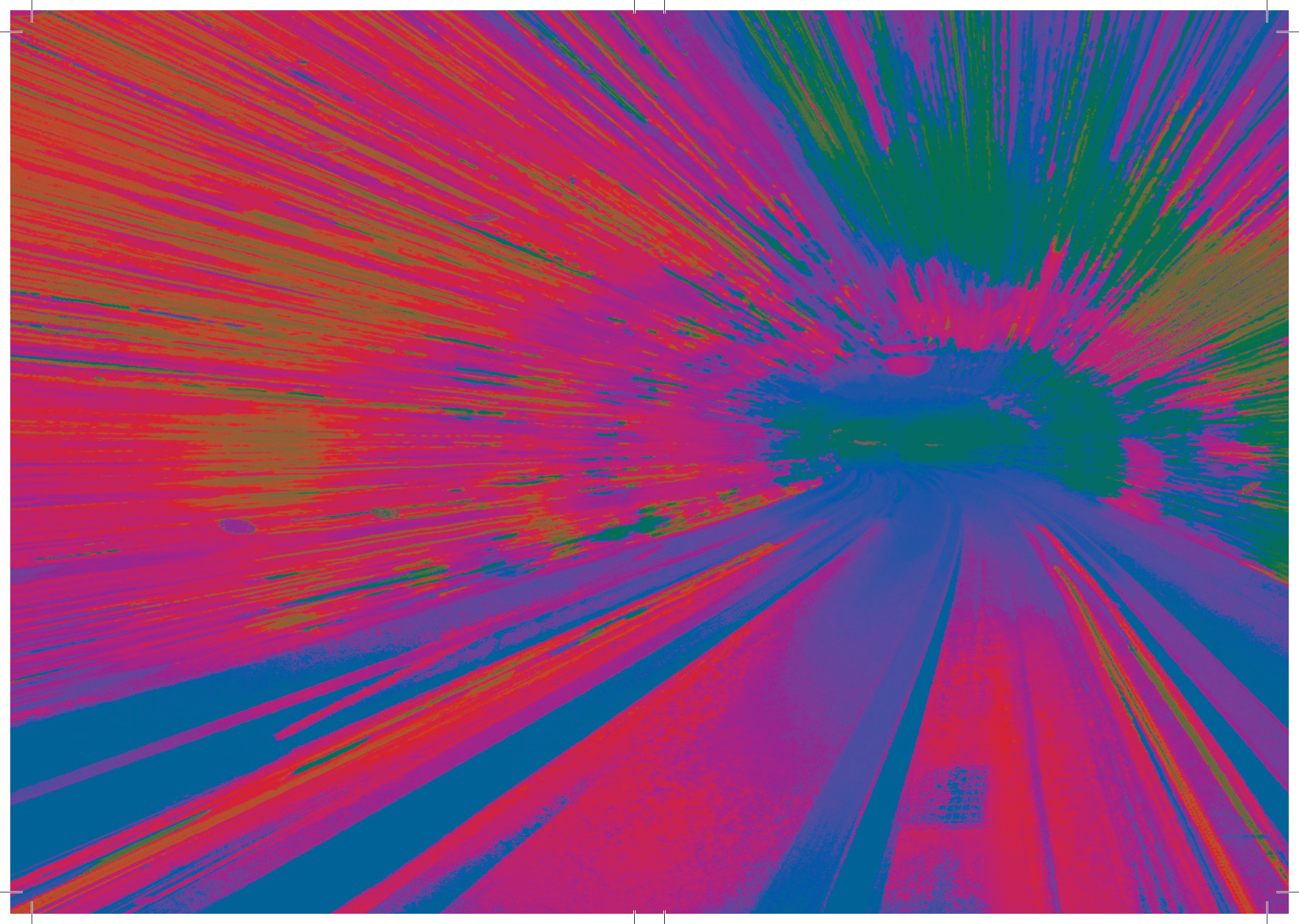
Ministério da Cultura e Observatório de Favelas apresentam

# PISTA RITMO FLUXO

ELÃ

2023





# PISTA RITMO FLUXO

ELÃ

2023

## ARTISTAS

Agatha Maria  
Aline Peres  
Bruno Lyfe  
Ciana  
Guilherme Kid

Idra Maria  
Joelington Rios  
Malvo  
Mapô  
Mayra Karvalho

Melissa de Oliveira  
Myllena Araujo  
Preta QueenB Rull  
Roberta Holiday  
Tainan Cabral

## CURADORIA

Jean Carlos Azuos

Exposição Pista Ritmo Fluxo

12/05/2023 a 30/07/2023

Galpão Bela Maré

Rua Bittencourt Sampaio, 169 - Maré, RJ



**PÁGINA**

**8**

**12**

**16**

**74**

# **SUMÁRIO**

**PISTA**

**RITMO**

**FLUXO**

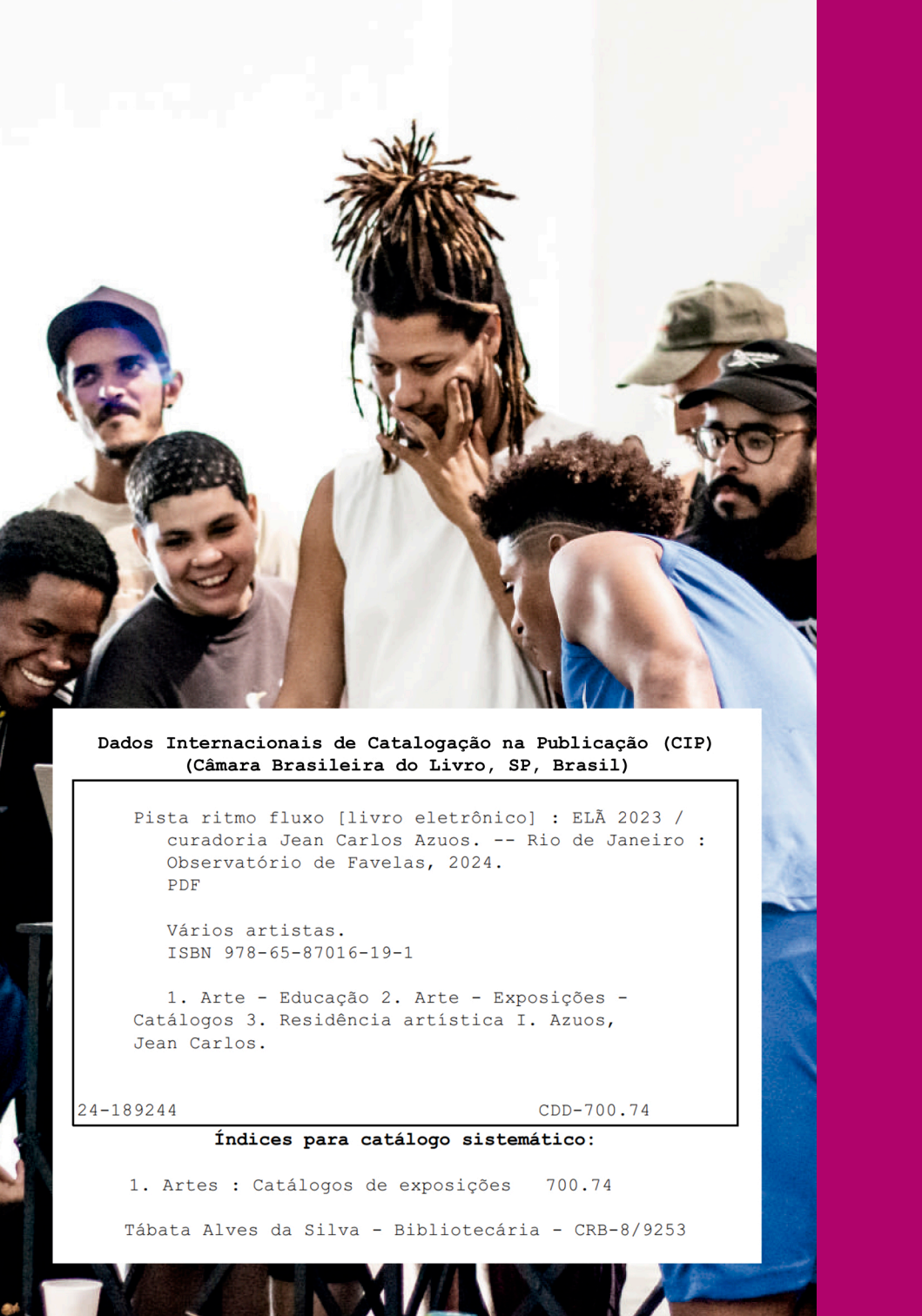
**ROUBAR**

**A CENA**

**ARTISTAS**

**FICHA**

**TÉCNICA**



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Pista ritmo fluxo [livro eletrônico] : ELÃ 2023 /  
curadoria Jean Carlos Azuos. -- Rio de Janeiro :  
Observatório de Favelas, 2024.  
PDF

Vários artistas.  
ISBN 978-65-87016-19-1

1. Arte - Educação 2. Arte - Exposições -  
Catálogos 3. Residência artística I. Azuos,  
Jean Carlos.

24-189244

CDD-700.74

**Índices para catálogo sistemático:**

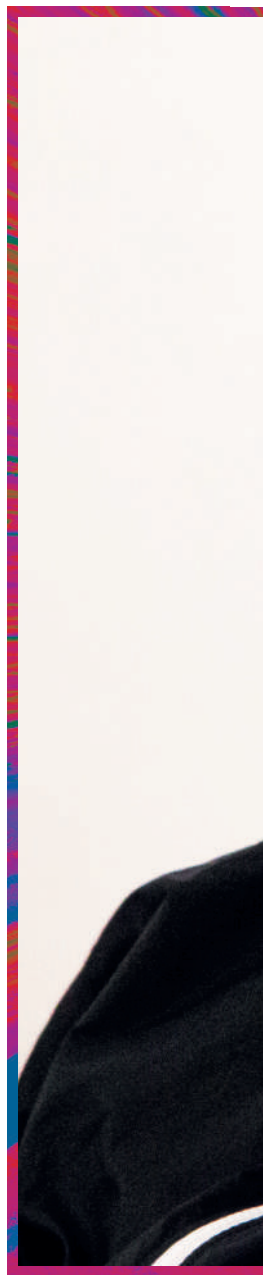
1. Artes : Catálogos de exposições 700.74

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

# PISTA RITMO FLUXO

A ELÃ – Escola Livre de Artes é um projeto do Observatório de Favelas, em parceria com a Produtora Automatica, e acontece desde 2019 no Galpão Bela Maré. Seleccionadas por meio de uma chamada pública, as quinze pessoas artistas que compõem a turma compartilham a experiência de realizar, no Rio de Janeiro, suas pesquisas, poéticas e trajetórias profissionais; todas vindas de territórios de favelas e periferias. Essa experiência tange os campos da arte e da cultura, provocando encontros entre a turma, a equipe e as/es interlocutoras/es que promovem mergulhos artísticos, teóricos, discursivos, narrativos e experimentais em torno de um eixo temático. Com interesses e práticas diversas, o grupo realizou, de maio a agosto de 2023, encontros imersivos nos quais essa coletividade pôde ser experimentada e friccionada de diversas formas. Neste momento, apresentamos aos públicos os processos realizados na quarta edição da residência formativa, que investigam os conceitos-chave PISTA RITMO FLUXO. O que vemos nesta mostra é fruto da soma dessas individualidades atravessadas por experiências celebrando a rica confluência de histórias, repertórios, sujeitas/es/os e práticas, aqui dialogadas e propostas em forma de arte.

**Equipe ELÃ | Observatório de Favelas**







# ROU- BAR A CENA



A exposição nos coloca na experiência e na relação entre formação e produção artística, e nos aproxima das movimentações estéticas e subjetivas, passeando por diferentes linguagens; mas, sobretudo, nos conduz às negociações do corpo diante do mundo e das coisas. Pelas grandes e diminutas materialidades, o arranjo expositivo nos convida a dançar com o tempo, entre acontecimentos, sonoridades, alegorias, símbolos e suas vicissitudes.

Na **pista** e no espaço, artistas performam suas criações entre os conceitos e as visualidades que dão a ver a mistura de repertórios, desejos e estilos. O corpo então vai sintonizando as territorialidades e suas múltiplas matrizes, no contato e nas variáveis da dimensão coletiva contaminadas pelas ruas, festas e encontros. Assim, as pesquisas se somam e gingam com os elementos, de modo a revelar os lastros, as malandragens, os encantamentos das encruzilhadas poéticas dentro e fora dos trabalhos.

Roubar a cena dá tom e **ritmo** ao pensamento e à crítica política da mostra, que propõe não só apresentar um conjunto de caminhos ordinários dos assuntos, traduzidos aqui por jovens artistas, mas dar sentido às frequências e intensidades cotidianas refletidas nos trânsitos, códigos, nas coreografias (des)harmoniosamente espiraladas entre os diferentes terrenos da cidade, que revisitam as aldeias, os sertões e quilombos urbanos e suas ressonâncias nesse tempo.





Nos **fluxos** criados pelos trabalhos, deslocamos a atenção para a força simbólica e as realidades dos bailes funk, das ballrooms, das rodas de samba, dos ruídos e das amplificações das muitas travessias e partilhas consumidas dia a dia. Indicadas aqui nas instalações, telas, fotografias, vídeos, arquiteturas sonoras; acentuadas nas investigações de tecnologias ancestrais naturais e artificiais, desenhando articulações plasticamente inquietas, que desobedecem aos padrões, à rigidez estética, apontando para narrativas transversais espelhadas nas intencionalidades radicais, na disjunção dos pontos, nos desvios e nas (des)ritmadas e cadentes descobertas à luz de outras centralidades, geografias.

**Jean Carlos Azuos**



# ARTIS- TAS



**AGATHA MARIA***(Rio de Janeiro, 1997)***@\_\_\_agatha.maria**

Residente de Acari, zona norte do Rio de Janeiro. Graduada em Artes Visuais pela UFRJ, foi bolsista PIBIAC no grupo de pesquisa GAE ARTE: Ecologias, ministrando junto às demais integrantes duas oficinas em 2021, uma em parceria com o Instituto Goethe e a outra na reabertura das atividades do educativo do Museu do Pontal, no pós-pandemia.

Busca em seus processos artísticos investigar e criar estratégias que possibilitem a corpos em dissidência se manterem vivos, dentro do eixo corpo-território-memória, utilizando os processos gráficos da gravura, pintura, cerâmica, escrita, bordado e outras materialidades.





**Nossa vingança é envelhecer** se desenvolve numa pesquisa mais iconográfica e de simbologias, em que as onças representam as travestis brasileiras e a cobra é o tempo de Exu na encruzilhada. Trazendo uma ancestralidade com as Marias, pombajiras, entidades e encantadas da esquerda. É no encontro das ruas que esses corpos nascem e se eternizam. Juntamente da gravura, os fones ecoam profanações de vida, prosperidade e a possibilidade de pensar futuros mais dignos para as nossas. Nossa vingança é envelhecer, gargalhar, profanar e continuar produzindo vida.



**Nossa vingança é envelhecer, 2023**

Xilogravura





**ALINE PERES***(Rio de Janeiro, 1994)***@entrealine**

Nasceu e vive na periferia carioca. Atualmente cursa Artes Visuais na Escola de Belas Artes da UFRJ. A conexão com as intervenções urbanas e com a cultura hip-hop foi fundamental no começo da sua produção em 2014. Em 2019, a partir do aprendizado das ruas e das vivências periféricas, iniciou um aprofundamento artístico e crítico com a intenção de fundamentar sua carreira junto às práticas culturais urbanas.



Desenvolve uma pesquisa pautada em questionamentos sobre os conceitos de loucura e lucidez, que permite desdobramentos em diversas causalidades e subjetividades. Configura sua visualidade com diversos tipos de figuração, com uma identidade carregada de abstrações e escritas que muitas vezes também se abstraem. Inspira-se no movimento da pichação, que tem ligação direta com a historicidade, a simbologia de pertencimento e a subversão a partir das margens sociais.

Além da vivência, estudos independentes e participações em eventos, frequentou cursos na Cufa (2015), no Sesc (2016), na Rede Namí (2019) e na EAV Parque Lage (2019).

“Beleza abundante transpassa a imagem, mora no mistério das energias. O brilho genuíno incomoda os que não o possuem.” (Aline Peres)

Composta por três obras-intervenções, a série ressignifica em autoestima e reconhecimento as dores e desafios dos atravessamentos prejudiciais existentes nas estruturas de distinção e validação social.

## ***Profecia, Série Sinta comigo, 2023***

Esmalte sintético

“Perceber o existir enquanto uma dança. Pertinente, entre os movimentos agitados e os afagos de uma levada mais tranquila, experimentando passos, lidando com encontros e confrontos nessa grande pista da vida, seguimos desvendando nosso próprio ritmo. Perceber a dança enquanto um existir. Necessária, descompassada ou planejada, uma conversa com o corpo, com o tempo, com o fluxo, com o íntimo, ritual, oração, celebração, expurgo, subversão, poder.” (Aline Peres)

Nessa linha de entendimento, abraçar a dança é um processo terapêutico, de autoestima e ascensão, principalmente para os marginais. Marginal através da etimologia, porém ressignificando o uso da palavra e desconsiderando o lugar pejorativo que incorporaram aos que foram condicionados às margens.





**Olhar, Série Sinta comigo, 2023**

Esmalte e folhas de ouro

“Beleza abundante transpassa a imagem, mora no mistério das energias. Em água doce deságuam as lágrimas salgadas, cria e recria vida, no espelho reluz o grande brilho da estrela. Ilumina e queima, mesmo quando forma branda, entendo os fugitivos à sombra, é preciso cuidado, é preciso coragem. Sensibilidade é tesouro!” (Aline Peres)

Realizada em espelho, a intervenção aborda as questões de autoconhecimento, interação com o mundo, e principalmente de valorização social através da vaidade, em que principalmente pessoas negras são condicionadas a se preocuparem com isso, sobretudo as mulheres, com o trabalho dobrado da apresentação de feminilidade, que estruturalmente é relacionada à branquitude e à infantilização. Centraliza a figuração referencial ao Abebê, um instrumento relacionado à cultura Yorùbá e um dos símbolos de Osún, rainha das águas doces, deusa da beleza, do amor, das riquezas materiais e imateriais, da abundância, da prosperidade, mãe terra, fértil.





### ***Respiro, Série Sinta comigo, 2023***

Acetato, folhas de ouro e esmalte

“Em nossas vivências as forças para que os dias sejam nublados são muito além das naturais, só esquecem que acima das nuvens o céu está sempre aberto.” (Aline Peres)

Realizada com material transparente e escrita dourada, a obra se cria a partir da conversa com a janela disponível no espaço expositivo. Seguindo as intervenções que compõem a série, relacionadas à temática de prosperidade em um amplo sentido, intrinsecamente ligada à autoestima, *Respiro* aborda a importância de sentir e manter aceso o brilho interior que existe em cada ser, para que se possa externar mesmo diante da interseccionalidade, que resulta em diversos atravessamentos desafiadores no percurso de sua existência por fatores estruturais de opressão.

COMO A SAL  
CONTINUAMOS  
BRASILHANO  
INDEPENDENTE  
DO QUE ESPERAM

**BRUNO LYFE***(Rio de Janeiro, 1991)***@bruno.lyfe**

Vive e trabalha em Ramos, bairro do subúrbio do Rio de Janeiro. Teve seu primeiro contato com o campo das artes no final da adolescência, quando conheceu o grafite. A partir daí, buscou qualificação e aprofundamento. Frequentou em 2012 e 2013 os cursos de Concepção e Fundamentação oferecidos pela EAV Parque Lage. E em 2018 se formou na Escola de Belas Artes da UFRJ no curso de Pintura.

Possui linguagem plástica na qual a linha e a forma se impõem, em associação com intensos cromatismos, sobreposições e justaposições de elementos numa multiplicidade de acontecimentos em que figura e fundo transbordam, criando em suas obras uma espécie de colagem. Composições conscientemente pensadas, editadas e fragmentadas, construídas por camadas, enquadramentos e acúmulos.

Bruno Lyfe tem na figuração o primeiro pensamento. Tateia diferentes questões figurativas na edição e construção de imagens, elaborando cenários complexos, figuras que mimetizam o espaço e uma cena que está no limiar entre o corriqueiro e o irreal, através de uma sofisticação técnica. Soma-se a isso um particular domínio da construção imagética, e uma cartela quase pop, mas com retórica baseada na periferia onde vive e na sua história.



O artista utiliza como matéria-prima signos, símbolos e elementos habitualmente associados a subúrbios, periferias e favela. Através desses deslocamentos e de novas configurações, propõe novas leituras desses objetos, desafiando as convenções estéticas tradicionais, buscando novas formas de expressão que reflitam a diversidade e a riqueza do repertório estético e cultural dessas localidades.

Esses elementos representam a realidade e evidenciam as estruturas e os planos, relacionando formas que falam por si e a respeito de uma determinada classe da sociedade, criando uma articulação entre arte e vida.

Essa série de trabalhos busca não apenas refletir a estética, mas propor novas leituras acerca do uso desses símbolos e um novo olhar sobre a perspectiva da representação desses objetos e figuras na narrativa profundamente enraizada na realidade social e cultural do Brasil, marcada por desigualdades, preconceitos e racismo.



**Poder, 2023**  
Óleo sobre tela



**Reverência: Carolina Maria de Jesus, 2023**  
Madeira, tijolos e azulejo



**Reverência: Luiz Gama, 2023**  
Madeira, tijolos e azulejo



**Interlúdio, 2023**  
Pintura em madeira e tijolos











**CIANA***(Rio de Janeiro, 1996)***@001ciana**

Natural da zona oeste do Rio de Janeiro. Multiartista e pesquisadora do som, atua com diversas expressões da sonoridade, motivada pelo desejo de resgate da memória e história da própria ancestralidade. Dedicar-se ao estudo de movimentos eletrônicos periféricos ao redor do mundo, principalmente o funk brasileiro enquanto vanguarda artística e fruto de conexões diaspóricas que se sobrepõem a desencontros arquitetados pela colonialidade.

Iniciou artisticamente como DJ, materializando no espaço das pistas o principal local de trabalho e laboratório de pesquisa no qual se dá a interação entre som e movimento dos corpos. Expande as expressões de linguagem no audiovisual, no canto, na performance, na palavra e na construção de objetos e instalações sônicas.



## **BEAT BOLHA**

É uma instalação sonora em formato de caixa/portal de madeira e vidro em que o som sai da água reservada no interior da obra. Reflete a pesquisa da artista, usando a metonímia do beat bolha (subgênero do funk popularizado no Rio de Janeiro e São Paulo que utiliza sons de água/bolha na construção da batida) para pensar a ancestralidade no funk e as influências da travessia atlântica dos povos negrodescendentes na sonoridade de favela. A trilha escutada integra-se na confluência entre sons de mar, ondas, água, samples e tracks do próprio beat bolha e alguns sons percussivos utilizados nos funks.



### **BEAT BOLHA, 2023**

Madeira, vidro, cabos, caixas de som e LED

### ***turritopsis dohrnii***

O trabalho recebe esse nome em referência à espécie de água-viva considerada biologicamente imortal pela capacidade de regenerar suas células na fase da velhice, transformando-se em um corpo jovem novamente. A obra propõe um novo órgão desenvolvido a partir do desejo de superação da fragilidade da pessoa preta. Uma tecnologia para solucionar o desejo de ser além do corpo por querer ser mais do que apenas uma sobrevivente, tornando-se então superpotente. O poder dessa tecnologia, que se conecta diretamente ao Orí, está presente na ferramenta dos cabos como instrumento de conexão com presente, passado e futuro pelas ondas sonoras. A obra dialoga com a informação de que os cabos de fibra óptica de telecomunicações submersos no oceano atualmente seguem as mesmas rotas marítimas do passado colonial de tráfico de pessoas pretas escravizadas – “Cables are the hardware of new imperialism”, “Os cabos são o hardware do novo imperialismo” (Tabita Rezaire) –, propondo uma retomada de abertura de caminhos e acessos.



***turritopsis dohrnii*, 2023**

Silicone e cabos

### **escuro ouvido absoluto: metrópole bolha**

É a videoperformance de incorporação de *turritopsis dohrnii*, em que o ato de trazer os fios e cabos para o Orí significa expandir a mente à possibilidade infinita de sons. A narrativa mostra que, apesar de ser uma tecnologia de poder, o objeto não é uma armadura, pois não é feito para se defender; também não é uma arma porque não foi feito para o ataque; mas sim um membro de uma existência potente e despreocupada porque pode em paz gozar de apenas ser e dos prazeres das conexões, o que se demonstra através dos sons expressos pela trilha sonora produzida pela artista. A ambientação dessa ativação é uma ilha, que marca essa ficção sônica que fala sobre sabedoria sonora de corpos migrantes.



### **escuro ouvido absoluto: metrópole bolha, 2023**

Videoperformance







## **GUILHERME KID**

*(Rio de Janeiro, 1991)*

**@guilherme\_kid**

Nasceu e foi criado em Realengo, bairro do subúrbio do Rio de Janeiro. É artista visual, pintor, muralista e disposto a utilizar diversas estruturas.

Seu trabalho retrata a realidade do seu cotidiano, fala sobre as pessoas que vivem à sua volta, os cenários que compõem o dia a dia do subúrbio, seus mais diversos elementos culturais e, também, a ancestralidade desses territórios. A música e o ritmo estão inseridos de maneira intensa, através do samba, nas obras do artista.

Com isso, já esteve em exposições coletivas, assinou uma coleção de roupas, participou do Carnaval da Sapucaí, no desfile das escolas de samba, e fez parte da decoração do Réveillon de Copacabana.



*Entre nós* é sobre Jesus Cristo, negro e da Palestina, distanciando-se da imagem que o mundo ocidental criou, de uma figura embranquecida, apropriada para o uso de dominações e invasões.

O Brasil é marcado por diversas culturas negras e, em muitas delas, podemos ver a presença de rodas, nas giras de umbanda, no tambor de crioula, nos slams, nas rodas de rima, nas rodas de samba, entre outras. Jesus Cristo, ao contrário do que o conservadorismo fez de sua imagem, foi uma figura que fazia questão de estar junto às pessoas, sem distinção, em comunhão, com a ideia de estar entre nós, e não acima de nós. O artista, portanto, visualiza a presença de Cristo em meio a essas diversas rodas existentes nas diversas culturas negras do país, uma delas sendo a roda de samba, retratada nessa obra.



***Entre nós*, 2023**

Acrílica sobre tela





## IDRA MARIA

(Rio de Janeiro, 1994)

@idramaria

É cria da Vila Cruzeiro, zona norte do Rio. Formada em Artes Visuais pela EAV Parque Lage, formada como liderança negra pelo Programa Prosseguir (CEERT) e graduanda em Artes Cênicas - Indumentária pela UFRJ. Artista visual, performer, figurinista e artista cênica, pesquisa práticas dissidentes, a cultura ballroom e seu legado de costumes contra-hegemônicos.

Em seu processo criativo, investiga diferentes linguagens e técnicas, como arte-têxtil, videoarte, performance e instalação. Seu trabalho tensiona diálogos e evoca a exaltação de narrativas e estéticas marginalizadas, a fim de subverter e ampliar as noções do CISTema gênero-sexualidade.

Na cena Ballroom, é reconhecida como Statement Mother da House of Mamba Negra, um coletivo interestadual liderado por pessoas trans com sedes no Rio, Brasília, São Paulo e Goiânia. Integrou a exposição Carta às Intenções (EAV Parque Lage, 2022), produziu o projeto LEVANTE BALLROOM, da House of Mamba Negra (2022), foi figurinista em Revengué: Uma Exposição-Cena, de Yhuri Cruz (Museu de Arte do Rio, 2023), educadora ballroom no projeto Transportar (Vozes para o Amanhã) (Museu do Amanhã, 2023) e está atualmente em circulação como performer com o espetáculo *ATRAQUE*, da House of Mamba Negra.



**Encruzilhada** é uma instalação que se ergue como um monumento à interseção entre a moda e a cultura ballroom. Pensando o fluxo das pistas e da rua, a passarela em T se materializa como uma encruzilhada feminina, local onde são cultuadas e feitas as entregas para pombajira.

A obra remete diretamente às passarelas de moda, onde as tendências e criações são exibidas; e aos historicamente marginais píeres de Nova York, que desempenharam um papel fundamental no nascimento e na disseminação da cultura ballroom, oferecendo um espaço onde a autenticidade pôde florescer sem restrições.

A instalação não é um mero divisor rígido, mas um símbolo conceitual de encontro, expressão e pluralidade. Como uma ode à autenticidade, criatividade e autoexpressão, *Encruzilhada* se torna palco para a expressão individual e coletiva, sobretudo dos sujeitos que historicamente dançam nas margens. Um lugar onde as influências se misturam e se complementam. Um espaço de convergência vivo que celebra a força da interseção.



**ENCRUZILHADA, 2023**

Técnica mista



**ENCRUZILHADA, 2023**

Técnica mista





**JOELINGTON RIOS***(Quilombo Jamary dos Pretos, Turiaçu, Maranhão, 1998)***@rivers\_-----**

Vive e trabalha entre o Quilombo, no norte do Maranhão, e a zona norte do Rio de Janeiro.

Seu trabalho apresenta uma visão crítica de questões sociais, políticas, culturais e sagradas que perpassam seu corpo, seu deslocamento entre a cidade e o quilombo, sua história e subjetividades. Muitas vezes com base na sua própria história enquanto quilombola, tem como objetivo revelar outras corporalidades, criando significados, ressignificando memórias e, assim, elaborando outras formas de existência. Tendo tratado de assuntos diversos como a formação do Brasil e das grandes metrópoles brasileiras, processos de sustentação, deslocamentos, fluxos migratórios, raízes e pertencimentos, Joelington reproduz sinais visuais, auditivos e sensoriais em instalações em camadas que incluem fotografia, audiovisual, colagem e escrita. Cada obra consiste em uma variedade de mídias diferentes, agrupadas em torno de temas e significados específicos.

Entre as exposições individuais e coletivas de que participou, destacam-se: Bienal das Amazônias (Belém do Pará, 2023), Do Meu Lugar Faço Movimento (EAV Parque Lage, 2022), Um defeito de cor (Museu de Arte do Rio, 2022), O que Sustenta o Rio (Circo Voador, 2023) e Rituels Photographiques/Rituels de Résistance - Un Open Call Photo Documentaire Brésilienne (Les Rencontres d'Arles, 2020). Foi finalista do Prêmio Pierre Verger e indicado ao Prêmio PIPA 2022.



**Mocambaiou (2023)** constitui um corpo híbrido, entre colagem e instalação, mixando variadas técnicas e linguagens, criando tensões que geram visualização de cenas, entre os símbolos e elementos presentes nas confabulações orais e visuais.

A obra referencia as memórias orais e visuais do quilombo onde o artista nasceu e se criou, uma comunidade quilombola localizada na baixada maranhense, na Amazônia legal, confabulando cenas que se desdobram entre colagem e instalação, tendo como elementos principais o carvão, o tecido aveludado e o waji africano, criando tensões que direcionam o visitante para uma imersão ao ter contato com as obras.

No Quilombo Jamary dos Pretos, os moradores têm como memória social a experiência histórica dos chamados “mocambos”, termo pelo qual são conhecidos e definidos pelos moradores do povoado os “lugares de moradia e refúgio dos pretos livres”, como dizem, em contraposição às fazendas de escravos consideradas como “lugar da dor, do trabalho forçado e da sujeição”.

Ainda que os quilombos fossem de difícil acesso, o isolamento não era regra. O caso do Jamary é exemplar nesse aspecto. Havia uma rede de colaboração entre os mocambeiros e aqueles que permaneciam nas fazendas. Estes garantiam o fornecimento de certos artigos indisponíveis nas matas. Os mocambeiros também voltavam para buscar outros negros que permaneciam nas fazendas.

“Meu pai cruzou muitas vezes com eles, que vinham até as fazendas buscar gente e coisas como sal, ferramentas, pólvora e outros gêneros que não conseguiam tirar da mata, voltando para as matas por aí”, revela o Sr. Estanislau. “Eles vinham sempre à noite e pediam coisas que meu pai ajudava a carregar. Eles diziam quando encontravam um negro ainda escravizado: ‘Olho oiou, mo-cambaiou; zoio olhou, boca calou’”, para avisar que fosse respeitado o silêncio, fazendo-se segredo sobre o que foi visto para evitar a perseguição dos brancos, dos senhores e de seus soldados. Isso se passava ainda antes da liberdade, nos tempos da escravatura. Os pretos não gostavam de ficar sujeitos.

*Mocambaiou* poderia ser interpretado nas linhas propostas pela professora Zakiyyah Iman Jackson, que, a partir da releitura da lógica racializante subjacente à distinção entre ser humano e animal do Iluminismo, argumenta que o repúdio do animalesco foi essencial à produção de seres humanos negros abjetos. Jackson sugere que as respostas criativas dos negros à coisificação “expõem, alteram e rejeitam” a concepção do humanismo liberal, do ser humano como dependente da negação do animal, e abrem espaço para a invenção de novas concepções de ser. Isso significa que a representação do ser negro fora dos limites do que é considerado humano pode ser uma forma de reagir à animalização das pessoas negras, propondo uma existência emancipatória externa aos paradigmas violentos e esmagadores que as aprisionam. *Mocambaiou* deixou de lado tudo que nos contaram sobre nós e sobre nossas histórias, apresentando a negritude como morfológica, capaz de ser muitas coisas conflitantes ao mesmo tempo.





***Mocumbaiou, 2023***

Carvão, tecido e colagem

**MALVO***(Rio de Janeiro, 2001)***@malvoarte**

Malvo é Cassio Luis, cria de Mariópolis, em Parque Anchieta, zona norte do Rio de Janeiro. Em 2022, participou do estande coletivo da Galeria 5 Bocas, na Art Rio; da individual no espaço Rato Branco, na Lapa; e, em 2023, da Exposição Coletiva Máscaras no Museu da República. Atualmente faz residência na Galeria 5 Bocas, na Lapa. Vindo de um lugar onde se cria sua própria cultura e identidade, seu trabalho é baseado na realidade e nas suas vivências pessoais e coletivas. Tem como prática artística a pintura de acontecimentos que, em suas palavras, “só nós que está dentro entende o real sentimento que é fazer parte disso. Nós tá na Pista, Nós dita o Ritmo, Segue o Fluxo...”.

O artista Malvo apresenta parte de sua visão e produção plástica. Os trabalhos revelam a intimidade do seu jeito de existir no mundo e de seus afetos. Nas entrelinhas, dá a ver os flertes de quem joga com a rua e se fortalece, no sonho e na coletividade com os crias, aspectos que se desdobram nas intenções de sua criação.



O espírito artístico e seus movimentos se entregam e se embrasam entre as cores e as formas. Singularidades expressas também por entre as realidades de quem reúne na sola dos pés as malandragens e as manhas dos lugares onde pisa. As telas dos celulares, aqui, dão vida às pinturas que nos aproximam dessa tecnologia, e o que mais a partir disso pode ser revelado pelas suas ferramentas, seus algoritmos, nas danças e nas efemérides dos registros. Imagens que o artista nos permite ver de perto e que remontam outros imaginários de favelas e de seus cotidianos. E, por isso, são extremamente políticas.



***Vista da exposição***



[acima]  
***Piquezin do tiktok, 2023***  
Acrílico sobre tela

[abaixo]  
***Baile do Santo Amaro, 2023***  
Acrílico sobre tela





[à direita]

**Anchieta lado de cá, 2023**

Acrílica sobre tela

**MAPÔ**  
(Niterói, 1995)  
**@\_m.apo**

Cresceu e vive no Morro da Boa Vista, em Niterói. Pesquisa outras linguagens que evidenciam a poética da macumba brasileira, a fé nos orixás, nas entidades sagradas e as cosmopolíticas afro-ameríndias. É membro da ColetivOcultas, dirigente do Centro Umbandista Rosário das Almas e idealizador das videoperformances Arô, premiada no Festival Feste, e Tambô passeia na Praia Grande, premiada no Edital Ativos Culturais II. Participou das exposições Hu: A Minha Alegria Atravessou o Mar (MAC-Niterói, 2022); Abre Alas 18 (Galeria A Gentil Carioca, Rio de Janeiro e São Paulo, 2023); e Processos e Procedimentos (Sesc Copacabana, 2023).



### ***Ilekê, 2023***

Fio de aço, miçangas, búzios, murano, laguidibá e xaorô

*Ilekê* é lembrar que não devemos entender tudo como sagrado, evocar as memórias de Exú-Onilê, Osun e Odê-Matà através da delicadeza de uma joia de santo encantada pelo domínio do orixá e manter a energia estabelecida. *Ilekê* é um trabalho de ecojoalheria para o povo de santo, aqui empregando longos fios de aço em pedras de murano, contas de laguidibá, miçangas jablonex e anzol, que sustentam chumbos de 1,5 kg a 0,20 milímetros, estabelecendo relações entre varas de pesca, os fios de pescado, as redes de arrasto e os fios de contas da macumba.

### ***Maré encheu maré vazou, 2023***

Pintura, waji e água

A pintura é um mural em memória aos encantados das águas, os orixás do fundo do mar, e se estabelece em honra à memória aterrada da Baía de Guanabara. Quando faz vazar em fluentes valões-ríos-veias, é com sangue negro que escorregue pelas velas, de dentro do miolo, que o artista pratica esse altar-muro-congá para recordar as sereias que cantam as mudanças climáticas. Maré encheu é pigmentada utilizando a pedra dourada do arô, o índigo iorubá, e água da maré incorporando o fundo do Atlântico, as margens, o chão do mangue, os pescados, as marinas em que, à beira d'água, cantávamos que a maré iria encher, e a maré iria vazar, e no longe bem longe avistamos Yndayá em sua casinha, coberta de sapê, seu arco e sua flecha e sua cabaça com mel.



***Ilekê, 2023***



***Maré encheu maré vazou, 2023***

Pintura, waji e água

**MAYRA KARVALHO***(Rio de Janeiro, 1997)***@ma.y.ra**

Mayra Karvalho Iny nasceu na Baixada Fluminense. Além da formação manual e oral por meio de sua família, é graduanda de Artes pela UFF. Artista visual e pesquisadora contracolonial, seus trabalhos são voltados para a cosmovisão, a ancestralidade e os saberes de sua etnia. Pesquisa a força e as confluências dos rios flutuantes como transmissores de mensagens, utilizando diferentes materialidades, como cerâmica, palhas, madeira e ferro, em suas esculturas e instalações, expressando a conexão com a terra e tradições. Além disso, através de suas pinturas e ilustrações, transparece sua ligação com os encantados e encantarias.

Participou da residência de formação do Parque Lage em 2021, fez intercâmbio de Artes na Universidade Ibero-Americana, na Cidade do México, e participou de uma residência de El Recinto, onde sua instalação foi exposta em Oaxaca. Seus trabalhos foram expostos recentemente em espaços culturais como Museu Histórico Nacional, Centro de Artes Hélio Oiticica, Museu de Arte do Rio, MAM Rio e Parque Lage.

A artista apresenta uma abordagem que anuncia os elementais, a cosmologia, o mistério e as encantarias. Suas obras são uma declaração de sua conexão com a natureza e o espiritual, trazendo uma reflexão sobre como os ritmos naturais, os ritos e os fluxos dos ventos, rios e terra se entrelaçam com as forças dos saberes espirituais de sua etnia, que a guiam.

A escultura *Encruza dos ventos* é uma representação física do ritmo e do fluxo dos ventos. A obra se ergue não apenas como



uma escultura, mas como um canal de comunicação entre os mundos físico, espiritual e o encantado, orientando e comunicando através de sua presença.

*Noite y dia*, uma tela escultura, é uma ode ao ritmo constante do tempo. Capturando a essência das transições e a fluidez das experiências humanas, a peça reflete a dança eterna entre a luz e a escuridão, o dia e a noite. A complexidade de sua construção, com barro, terroso, e palha, e seus detalhamentos são a interconexão de todas as coisas, convidando o espectador a uma reflexão sobre a passagem do tempo e o ritmo dos ventos.

Por fim, *Afluente* - o encontro encanta os rios, um grande dilúvio com as águas celestes, Série confluências é uma celebração do fluxo da água, representando um dilúvio de águas celestes. Em ferro, essa escultura nos transporta para um momento de confluência poderosa, onde os rios se encontram e se fundem, sendo grande transmissores de saberes, refletindo a proposta de Mayra de pensar sobre os elementais e as encantarias. Juntas, essas obras formam um conjunto que não apenas reflete o tema da residência, mas também a visão da artista sobre o mundo.



***Encruza dos ventos, 2023***

açó, argamassa, barro, palha, contas e cabaça



***Afluentes - o encontro encanta os rios, um grande dilúvio com as águas celestes,  
Série confluências, 2023***





**Noite y dia, 2023**

aço, argamassa, barro e broto sobre tela



***Vista de exposição***



**STELLA KAPLAN**  
1910 - 1990  
1960s  
1960s  
1960s





**MELISSA DE OLIVEIRA***(Rio de Janeiro, 2000)***@melissadeoliveira**

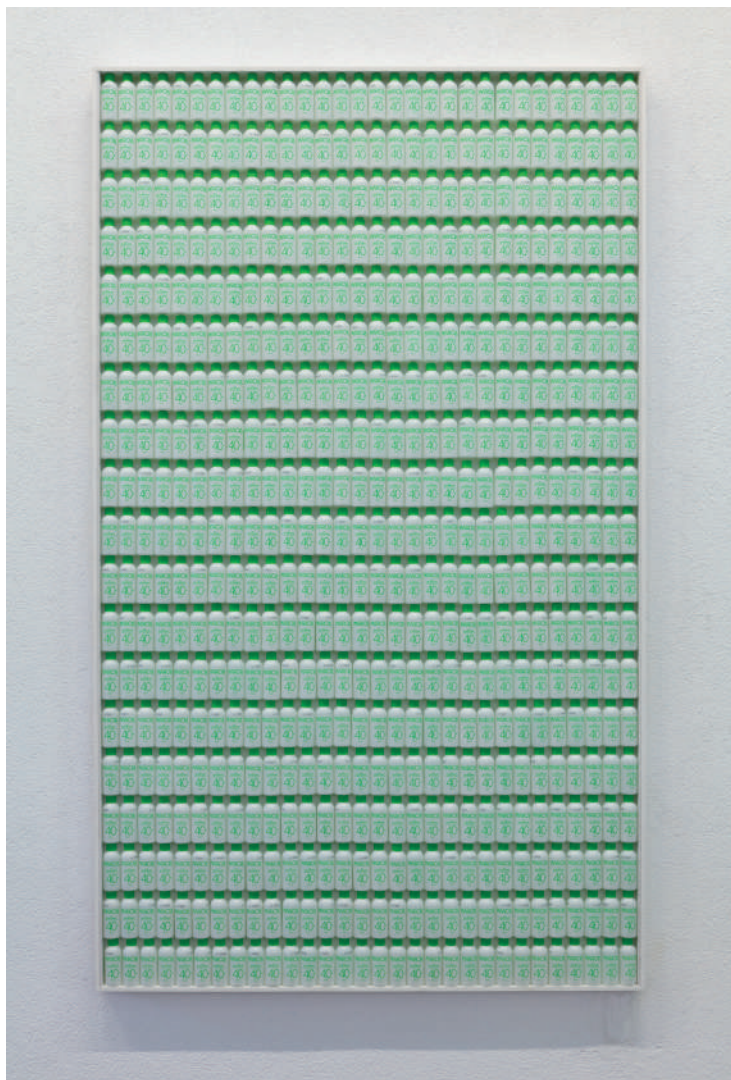
Nascida e criada no Morro do Dendê, zona norte do Rio de Janeiro. Tem formação técnica em fotografia pela Spectaculu – Escola de Arte e Tecnologia e fez Formação e Deformação na EAV Parque Lage. Fotógrafa e artista visual, iniciou na fotografia em 2019, documentando o cotidiano da comunidade. Um dos seus principais projetos fotográficos é a série Morro do Dendê, em que registra o dia a dia como um relato para além do imaginário popular e com foco nas novas masculinidades. Se debruça sobre questões como sexualidade, coletividade, vaidade e a forma com que as dinâmicas de relacionamento e interações acontecem junto com os impactos geopolíticos de uma favela fora do eixo centro-zona sul.

Fez, na galeria Nonada, sua primeira exposição individual, intitulada + × ÷, Fortalecer. E participou das coletivas Escrito no Corpo/Engraved into the Body (Fortes D'Aloia & Gabriel, RJ; e Tanya Bonakdar Gallery, NY); Crônicas Cariocas (Museu de Arte do Rio);

Fire Figure Fantasy (ICA Miami); Da Avenida à Harmonia (Instituto Inclusartiz); e Paura (Era Gallery, Milão), entre outras. Tem publicações na *Elle* Brasil, *Vogue* Brasil e na revista ZUM, do IMS.



A obra **Green Márcia Bottles** emerge do uso de objetos nostálgicos e simbólicos para a população periférica presentes no corpo de trabalho da artista e também da relação com seu território. O painel de 200 x 120 cm é uma instalação que incorpora 570 frascos de água oxigenada, todos cuidadosamente alinhados.



**Green Márcia Bottles, 2023**

Frascos de água oxigenada e caixa de madeira

A inspiração para a criação surgiu da prática tradicional de descoloração de cabelos que acontece coletivamente desde os anos 1990 nas favelas cariocas, especialmente durante os finais de ano. A água oxigenada da marca Márcia Cosméticos, principalmente a de volume 40, tornou-se um poderoso elemento no universo estético das comunidades por ser um produto nacional, acessível e consequentemente bastante usado nesse processo.

Como desdobramento de sua pesquisa e da documentação fotográfica dos cortes e colorações de cabelo, inicialmente desenvolvidas no Morro do Dendê, Melissa capturou a essência da tradição, tornando-se um testemunho visual desse ritual de vaidade masculina.

O título da obra, fazendo alusão à icônica pintura *Green Coca-Cola Bottles* (1962), de Andy Warhol, acrescenta uma camada de significado, ligando a obra contemporânea à história da arte pop. Assim como Warhol retratou 121 garrafas de Coca-Cola quase idênticas, a obra de Melissa também explora a repetição e a uniformidade dos frascos. E, tal como Warhol transformou as garrafas de Coca-Cola em símbolos da cultura de consumo em massa, esta obra transmuta os frascos de água oxigenada em um símbolo que ecoa a essência do Rio.



## **Saudades eternas**

Impressão sobre camiseta de algodão

Nesta obra, a artista pensa a camiseta tradicionalmente feita em homenagem às pessoas falecidas nas favelas. Muitas vezes, elaboradas também como manifestação quando uma vida é precoce e brutalmente interrompida pela violência.

A camiseta é um mecanismo para preservar com carinho a memória da pessoa falecida e identificá-la; por conta disso, costuma conter o nome, um retrato e a frase proeminente *Saudades eternas*. No verso, é comum conter versículos bíblicos, trechos de músicas ou textos.

Como subversão do conceito das camisetas, a obra incorpora os elementos familiares que são desdobrados em uma celebração e profundo desejo de viver. A imagem central retrata Melissa ao lado de amigos do Morro do Dendê e da Ilha do Governador como representação dos corpos e das vidas vulneráveis à violência e às desigualdades nas favelas. A foto, feita no dia da abertura da primeira exposição individual da artista, fala sobre a relação intrínseca entre a criação artística e a realidade da comunidade que ela retrata em seu trabalho de documentação fotográfica.

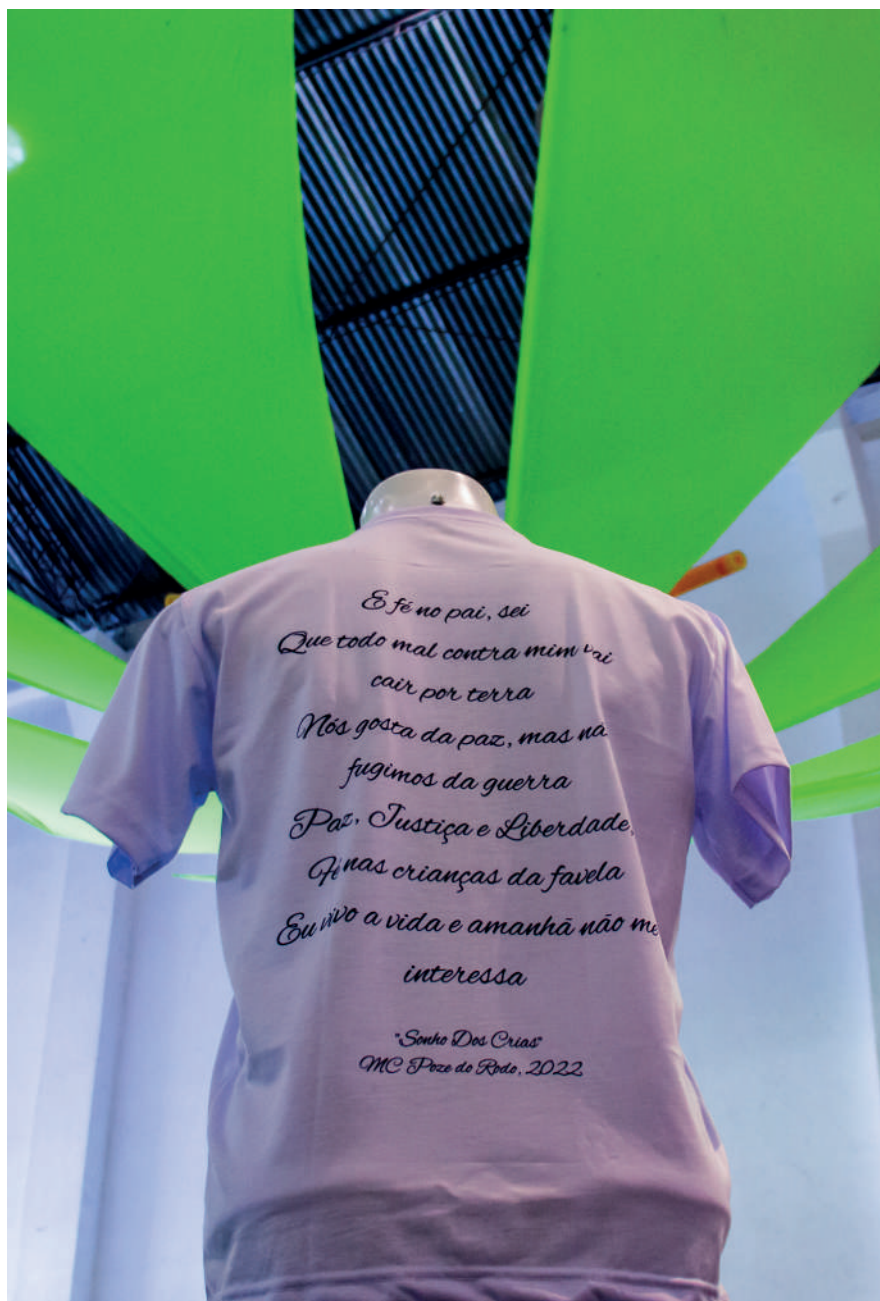
Para o verso da camiseta, a artista selecionou um trecho da música “Sonho dos crias”, interpretado pelo MC Poze do Rodo, que transmite a mensagem de coragem, valores, aspirações, incorporando elementos religiosos e o anseio por viver sem preocupação. Esta obra convida à reflexão sobre a preservação das histórias das favelas em um apelo urgente para serem lembradas e terem seus direitos garantidos em vida, em vez de se tornarem apenas mais uma homenagem póstuma.

(páginas seguintes)



**Saudades eternas, 2023**

Impressão sobre camiseta de algodão



**MYLLENA ARAUJO***(Duque de Caxias, 1993)***@myllena\_araujo**

Nasceu e foi criada em Duque de Caxias. Formada em Artes Plásticas pela UFRJ, é mestre em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas pela UERJ. Fotógrafa, artista visual e educadora, trabalha com intervenção digital, fotografia e ações performáticas.

Seu corpo é parte do processo que desenvolve em deslocamento enquanto mulher periférica, dialogando com as barreiras físicas e sociais que as distâncias promovem contra regiões não legitimadas. Enquanto artista

visual e fotógrafa, participou de residências artísticas na Maré e no Parque Nacional do Xingu, e foi selecionada para a mentoria artística do Instituto Artistas Latinas. Suas obras já foram expostas em espaços como Museu de Arte Contemporânea de Niterói, Cidade das Artes, Centro Cultural da Justiça Federal, Paço Imperial, Oi Futuro, Galpão Bela Maré e em instituições internacionais como Tate Modern e Hornimam Museum.

Seu trabalho também esteve presente na Bienal de Arquitetura de Veneza, com fotografias na instalação de Gringo Cardia e Takumã Kuikuro, um projeto de fotografia que também fez parte da cenografia de palco do cantor Djavan em turnê nacional e internacional nos anos de 2022 e 2023.

***Estudo anatômico, 2023***

A artista busca, na rotina, entender o avesso das coisas, investigar a cidade de dentro para fora. Encontra nas embalagens rotas, veias e artérias, caminhos pulsantes, vivos, em circulação.



*é o passatempo da sua viagem, 2023*

Uma aproximação entre paisagens e necessidades

Locomoção e sustento

É o que encontro em descolamento

*é o passatempo da sua viagem*

Adormece o corpo latente de pé

*é o passatempo da sua viagem*

Entorpece na boca o gosto

sabor idêntico ao natural: rua.



**Estudo anatômico, 2023**

Embalagem revestida



**é o passatempo da sua viagem, 2023**













## PRETA QUEENB RULL

(Rio de Janeiro, 1999)

**@soupretaqueenbrull**

Nasceu no Rio de Janeiro, cria da Maré, do Parque União. É cantor, compositor, ator, professor de oficina de funk, criador de conteúdos, mestre de cerimônias e drag queen. Começou sua atuação artística com o grupo Pantera, na Nova Holanda, em 2017. Realizou o percurso formativo no Museu de Arte do Rio em 2019. Formou-se no curso de Beleza na Escola Spectaculu e participou do Estude o Funk, laboratório artístico na Fundação Progresso que tem como objetivo a profissionalização no mercado da música.

Lançou, em 2020, "Caipira Vogue", sua primeira música e videoclipe. Colaborou com Tati Quebra Barraco para o jingle de Renata Souza. Faz parte da cultura ballroom do Rio de Janeiro com título de Star e integra a House of Mamba Negra. Foi contemplado pelo edital da Mostra Maré de Música, onde foi lançada sua música "Acredite no seu axé". Faz diversos shows como cantor pelo Brasil, apresentando-se em festas como a Batekoo, no Rio de Janeiro.

A pesquisa de Preta QueenB Rull se desdobra a partir dos bailes funk. Crescida em uma família funkeira, sua tia Sheila organizou o Baile do Parque União por dez anos. Traz na lembrança as montagens das barracas de bailes, que eram sua diversão, e a imagem da mãe trabalhando, vendendo, dançando com a mão em cima do isopor e jogando o rabetão pra trás.



A instalação das barracas de baile de favela que apresenta na exposição *Pista Ritmo Fluxo* é uma lembrança viva de amor e de afeto ao seu território. Em suas palavras: “Nesta instalação eu projeto meus sonhos.

Aqui você tem que celebrar a sua vida e acreditar que vai realizar todos os seus sonhos. Tire uma mensagem de axé e dance com a mão no isopor. Celebre!

Músicas de fundo: ‘Balançando as barraquinhas’, ‘Maionese’, ‘Caipira Vogue’ e ‘Acredite no seu axé’ + falas de ‘No fucking shey’.

Acredite no seu axé, quem tem axé brilha e faz o mundo prosperar!”



***Faça o presente brilhar, 2023***

Barraca de gazebo, caixa de isopor, caixa bluetooth, folhas de papel A4, latas de bebidas, fita crepe e luz neon



***Faça o presente brilhar, 2023***

Barraca de gazebo, caixa de isopor, caixa bluetooth, folhas de papel A4, latas de bebidas, fita crepe e luz neon



**ROBERTA HOLIDAY***(Rio de Janeiro, 1987)***@robertaholiday**

Natural de São João de Meriti, atualmente vive em Belford Roxo. Artista visual e cineasta, é formada pelo Centro AfroCarioca de Cinema Zózimo Bulbul e pelo Programa de Formação EAV Parque Lage.

Altamente inspirada pela música, sua pesquisa artística tem como base as experiências de mulheres negras e o território urbano. Através da mescla de técnicas com tintas acrílicas, látex e pigmentos, deseja contar histórias em telas de algodão para os espectadores de corpos em diáspora.

Expôs a obra *Amor de criação*, da ArtRio, no Espaço da Rede NAMI (2021), participou das exposições coletivas Quando Olho no Espelho (Teatro Prudential, 2021), Um Defeito de Cor (Museu de Arte do Rio, 2022), Acessos (Escola de Artes Parque Lage, 2022) e da Residência Artística ELÃ – Escola Livre de Arte (2023).



A pintura ***Celebração é magia*** foi pensada através da prerrogativa trazida pela ELÃ – Pista, Ritmo e Fluxo. As trocas ao longo do curso passaram pelas corpos, pensamentos e sentimentos. As colaborações foram todas riquíssimas, costuradas a cada encontro, gesto e intenções.



*Celebração* é magia já diz por si – corpos que decidem celebrar sua existência independentemente de onde esteja: baile funk, roda de samba, churrasco com a família, conversando no portão de casa. Momentos do encontro dos corpos celestiais que trocam afetividade, vivências e espiritualidade. A liberdade que a música propaga também compõe essa ritualidade.



***Celebração é magia, 2023***

Acrílica sobre tela





**TAINAN CABRAL**  
 (Rio de Janeiro, 1990)  
 @tainancabral

Artista visual, tem na cultura popular da comunidade a sua fonte de inspiração. Em sua prática artística, explora diferentes técnicas e materiais, experimentando com as cores e com as formas orgânicas a partir do que encontra na rua e na arquitetura da periferia. Esse percurso empírico se materializa em desenhos, pinturas, objetos escultóricos e intervenções urbanas que apontam para uma realidade alucinôgena.

Do início da pandemia para cá, tem pesquisado a filosofia do baile funk, sua estética sonora e visual, suas simbologias e códigos. As malhas do baile e ritmos sinestésicos aparecem na sua pintura em formas e cores, representando a vibração do ritmo.

Participou da Residência EAV Parque Lage – Curso Deformação (2021) e das exposições Abre Alas 17 (A Gentil Carioca, 2022), Fissura (Portas Vilaseca Galeria, 2022), Feira Art Sampa (Solar dos Abacaxis, 2022), Composição Carioca (Centro Cultural da PGE, 2022), Chromatic Vigor: Affirmation (Vortic, Londres 2023) e Deus e o Diabo no Sertão Carioca (Galeria Cavalo, 2023).

O trabalho da série **Plantas do baile** é uma pesquisa através do olhar sobre as simbologias-cores do baile. Encontra elementos que levam a imaginar espécies inexistentes na vida real, mas que vêm de uma família de plantas dessa miragem, através dos ornamentos que compõem os bailes funk, como as malhas coloridas esticadas de uma forma flutuante. Dentro da quase abstração construída com uma mentalidade botânica, a artista propõe ressignificar essas simbologias, mantendo a sua memória através da utilização do mesmo material, como a helanca light, esticada por cabos aéreos.

Foto (Crédito: Pérola Dutra)





**Vista da exposição**











# FICHA TÉCNICA





## **GALPÃO BELA MARÉ**

### **Direção**

*Observatório de Favelas*

Elionalva Sousa Silva

Isabela Souza

Raquel Willadino

Priscila Rodrigues

### **Coordenação**

Anna Luisa Oliveira

Gilson Plano

### **Produção**

Breno Chagas

### **Gestão Administrativo-Financeira**

Sarah Horsth

## **PROGRAMA EDUCATIVO**

### **Coordenação**

Erika Monteiro

### **Educadoras**

Ana V.

Arian Alcantara

Carol Nunes

Ivani Figueiredo

### **Zeladoria e Limpeza**

Janaína Gomes

Wellington Luiz Batista dos Passos

## **COMUNICAÇÃO**

### **Coordenação**

Renata Oliveira

### **Assessora de Comunicação**

#### **Institucional - Mídia**

Thaís Barros

### **Assessora de Comunicação do Galpão Bela Maré**

Talita Nascimento

### **Assessoria de Imprensa**

Gabriel Gontijo

Naíse Domingues

### **Assistente de Comunicação**

Romulo Amorim

### **Designer**

Luiz Almeida

### **Parceria**

Automatica

## **ELÃ - ESCOLA LIVRE DE ARTES**

### **Realização**

Observatório de Favelas

### **Parceria**

Automatica

### **Apoio**

Samambaia Filantropias

### **Coordenação Pedagógica**

Natalia Nichols

### **Programa Pedagógico**

Anna Luisa Oliveira

Gilson Plano

Jean Carlos Azuos

Luiza Mello

Marisa Mello

Natalia Nichols

### **Educadora**

Marjory Léo

## **Interlocutoras/es**

Allan Weber  
Anapuaka Tupinambá  
Bernardo Magina  
Clarissa Diniz  
Jean Carlos Azuos  
Karen Santos  
Guetto Run Crew  
Luiza Mello  
Marcelo Campos  
Marisa Mello  
Rafael BQueer  
Renan Valle  
Wallace Lino

## **Curadoria**

Jean Carlos Azuos

## **Avaliação Pedagógica**

Izah Santos

## **Cobertura Fotográfica**

Thais Valencio

## **Exposição Pista Ritmo Fluxo**

12 de agosto a 14 de outubro de 2023

## **Artistas**

Agatha Maria  
Aline Peres  
Bruno Lyfe  
Ciana  
Guilherme Kid  
Idra Maria  
Joelington Rios  
Malvo  
Mapô  
Mayra Karvalho  
Melissa de Oliveira  
Myllena Araujo

Preta QueenB Rull  
Roberta Holiday  
Tainan Cabral

## **Organização e Produção**

Automatica  
Observatório de Favelas | Galpão Bela Maré

## **Identidade Visual**

Arthures Garcia

## **Revisão de Texto**

Bruna Freitas  
Duda Costa

## **Audiovisual**

Boca do Trombone

## **Iluminação**

BLight

## **Montadores**

Los Montadores

## **Vídeo**

Léo Melo  
Samuel Fortunato

